



FRADÃO COMEMORA 35 ANOS DE SACERDÓCIO



EDISON FRADE-FRADÃO (60/63), atualmente mais conhecido como **Ir. Bernardo da Esperança**, completou no dia 13 de julho último 35 anos de ordenação sacerdotal.

Ir. Bernardo da Esperança nasceu em 27 de março de 1944 e foi batizado como Edison Frade, na Paróquia Nossa Senhora da Esperança, na Vila Esperança, pastoreada pelos Monges Beneditinos Olivetanos (beneditinos brancos). Quando criança estudou no colégio Nossa Senhora Menina, no mesmo bairro, e, depois, no Externato S. José, de Vila Matilde, tendo concluído seus estudos primários no Externato S. Vicente de Paulo, na Penha. Continuou os estudos em escola pública. Aos 14 anos de idade começou a trabalhar. Aos 16 anos foi para o seminário em S. Roque, onde permaneceu de 1960 a 1963, indo depois para seminário em Sto. André. Saindo do seminário viveu a vida comum, de estudo e trabalho,



atuando como professor na escola pública "República do Paraguai", na Vila Prudente em SP. No contato com seus alunos, sentiu que podia fazer algo mais do que ensinar português e francês, o que o levou a uma busca, com o incentivo e apoio de D. Luciano Mendes de Almeida, o que lhe mostrou o caminho a seguir. Compreendendo melhor o que Deus lhe pedia, viu que o sacerdócio seria a alternativa para viver dedicado à missão de amar incondicionalmente a Deus e ao próximo. Tudo foi tomando forma, a partir de 1979, com a ordenação sacerdotal do então prof. Edison. Em 1980, passou a conviver com um grupo de jovens que se consagravam, nascendo assim o **Mosteiro da Esperança**. Com certeza, nada do que existe hoje estava planejado pelo Fradão, mas, à medida em que Deus foi alargando seu coração, as coisas foram acontecendo.

Ele orienta e administra a CCEV (Comunidade Casa



Esperança e Vida), com unidades distribuídas por São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Ceará e Mato Grosso do Sul, voltada para a restauração da qualidade de vida e para a integração familiar e social de indivíduos em estado de carência ou dependência viciosa. A metodologia inclui acolhimento, aconselhamento e atividades terapêuticas.

Por sua experiência no apoio social a famílias de dependentes, a CCEV também desenvolve historicamente o acolhimento a outros tipos de carência: na educação de crianças, na convivência com idosos, na formação de jovens para uma vida em comunidade, resgatando sua identidade e espiritualidade.

O **Mosteiro da Esperança** localiza-se na Estrada do Taquaral, 1990, Parelheiros, São Paulo-SP.

Ao **FRADÃO** os parabéns de todos os seus colegas do Ibaté.

IBATEANO É PREMIADO NO MAPA CULTURAL PAULISTA

O Mapa Cultural Paulista é uma das mais importantes políticas do Estado de São Paulo quanto à circulação de artistas do interior de São Paulo. Nenhum estado brasileiro possui um programa parecido, podendo tornar-se referência nacional. Criado em 1995, tem o objetivo de fomentar as produções culturais independentes, revelando valores em segmentos que não teriam acesso aos meios de comunicação e com pouca visibilidade no meio cultural, e promover a difusão de espetáculos de diversas linguagens artísticas com origem no interior ou litoral do Estado.

Nosso colega **LETTERIO SANTORO (55/59)** representando a cidade de Garça-SP e região de Marília-SP, depois de passar pelas fases municipal e regional, foi escolhido para seguir à fase estadual, em evento que aconteceu na capital paulista na Biblioteca Municipal Mário de Andrade no dia 26 de maio último.

Ao todo foram 73 escritores selecionados, entre as regiões administrativas do interior, litoral e Grande São Paulo, e destes, 15 trabalhos sagraram-se vencedores da edição 2013/2014.

O júri, composto por representantes da Biblioteca Mário de Andrade, curadoria do Mapa Cultural Paulista e da ABAÇAI Cultura e Arte (parceira do programa) anunciou os vencedores e, entre eles, nosso colega **LETTERIO SANTORO**, com o conto **“QUE É DO MENINO?”** foi um dos ganhadores.

O conto (que reproduzimos na página) é um texto delicado, mas ao mesmo tempo contundente, e propõe a reflexão sobre os valores humanos de hoje em dia.

QUE É DO MENINO?



Letterio Santoro*

Juro que não acreditei na notícia do jornal de que haviam roubado o Menino do Presépio. Tanto que fui até a Praça Pedro de Toledo para verificar in loco a veracidade do ocorrido. E constatei com surpresa que o lugar do Menino Jesus estava absurdamente vazio. Fui imaginando as possíveis razões que teriam levado alguém a surrupiar da manjedoura a suave figura da Criança, parte da coleção de artesanato especialmente confeccionada para a ocasião.

A razão que mais me convenceu foi a de que o autor da infração tirou a peça de seu conjunto, a fim de que a cidade inteira se perguntasse: - Que é do Menino? De fato, os jornais, e as rádios, e as pessoas, todos enfim se interrogam estupefatos sobre o que era feito do Menino que sumiu do Presépio.

Dona Marta Sanches, então Diretora do Departamento de Cultura, ficou furiosa. Na Praça, um velhinho comentava comigo o absurdo da coisa, enquanto uma menina olhava com curiosidade para a lapinha e para nós na tentativa de entender.

Mas ao voltar para casa, de repente, me veio a revelação de tudo. Percebi claramente que o cidadão amaldiçoado por todos era filósofo. Não foi por maldade que agiu assim, mas para que o povo de Garça refletisse, por analogia, sobre o Menino que, com violência ou com indiferença, permitimos fosse arrancado do coração das pessoas e da sociedade.

Com efeito, observe o leitor a propaganda da televisão, onde se fala do espírito do Natal. Tem Papai Noel, tem neve, tem trenó, tem roupa, bebida, comida, o diabo, menos o Menino Jesus, cujo natalício se comemora em dezembro. Fica mais do que evidente que o espírito do Natal se confunde com o espírito do capitalismo consumista. Mas lá no fundo de nossas consciências, em silêncio, nos perguntamos também: - Que é do Menino?

Por essa época, mais do que nos outros dias do ano, surge à nossa frente na televisão e em nossas ruas uma porção de crianças maltrapilhas, abandonadas à própria sorte, incomodando-nos com pedidos de dinheiro, sorvete, lanche, presentes. São os filhos da miséria que campeia solta em Garça e no País. São filhos de famílias desestruturadas pelas



dificuldades econômicas que destroem nelas a figura inocente da criança. A própria Dona Marta Sanches, então Presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, diante desse quadro dantesco também se interroga: - Que é do Menino?

Não teria, porém, o Menino desaparecido da propaganda e da sociedade provavelmente por ter desaparecido de nossas famílias? Não damos carinho nem tempo aos nossos filhos, só damos presentes. Nosso ativismo eliminou o diálogo. Nossos valores são apenas o poder, o dinheiro e o prazer. E no seu desespero as famílias também se perguntam: - Que é do Menino?

Está faltando a Criança! Não tanto no Presépio da Praça, que afinal é uma produção artística de mãos e corações sensíveis. Está fazendo mais falta a Criança verdadeira que o consumismo desenfreado e a violência oficializada arrancaram à força de nossos corações, de nossa família, e de nossa sociedade.

Ao entrar em casa, concluí que o tal ladrão-filósofo, ao fim das contas, prestou-nos um grande serviço: quis que descobrissemos onde está o Menino nesses dias que antecedem o Natal. Por ser ele também um filósofo, estou convencido de que, na noite de Natal, colocará de volta na manjedoura da Praça o Menino que de lá tirou.

De fato, dias depois a Polícia de Garça conseguiu localizar a menina que levou para si a imagem do Menino Jesus, parte integrante do lindo Presépio artesanal, que deu um ar de graça e religiosidade à Praça Pedro de Toledo em preparação ao Natal de 93. A explicação da jovem carvalhense foi de uma originalidade tal que lhe perdoa por completo a falta cometida: gostou tanto dos cachinhos do Menino que simplesmente o pegou às escondidas para o contemplar com admiração.

Por outro lado, com certeza, procuraremos todos nós também resgatar o Menino que roubamos a nós mesmos para entronizá-lo no coração da sociedade.

(*) Letterio Santoro, 74 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça), autor, entre outros, do livro de poemas AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência) e Romanceiro de Garça. letterios@hotmail.com

NOSSA HOMENAGEM A DANIEL GASPARINI

SOU RIO TIETÊ - ESTOU MORRENDO

Quem me viu no tempo ido
E hoje me vê poluído
Sente saudade e aflição;
Sente o pesar e a tristeza
De ver minha correnteza
Levar tanta poluição.

Fui a estrada itinerante
Que levou o bandeirante
Na busca do metal-vil;
Sou a história dessa gente
Que lutou, que foi valente
E conquistou o Brasil.

Eu provocava a vozeira
Que rugia na cachoeira,
Som galopante, estridente;
Taperás que esvoaçavam,
Peixes que me salpicavam
E eu os dava a toda gente.

Eu tinha imensa presteza,
Mostrava tanta beleza
Aos olhos de quem me vinha;
Natação e pescaria,
Rotinas do dia-a-dia
Nas águas limpas que eu tinha.

Hoje sou só poluição
E o povo diz palavrão,
Xinga sem dó, nem piedade;
Pobre de mim, fui traído
Depois do dever cumprido,
Depois de tanta lealdade.

Em peixes, já nem mais falo
E o mau-cheiro que eu exalo
Da água suja, minguada,
Deixa-me assim tão horrendo
Que aos poucos vou morrendo
Numa tristeza danada.



DANIEL GASPARINI

APÓLOGO: A AGULHA E A LINHA

Caminha a agulha imponente,
Puxando a linha pra frente,
Pelos caminhos além...
A linha, coitada, frouxa,
Vai atrás como uma trouxa,
Levada até com desdém.

-Sou forte, diz, descarada,
E tu só andas puxada
Por mim a meu bel-prazer;
Tenho imponência e dureza,
Enquanto tu és moleza,
Sem mim, nada vais fazer.

Tenho aço e muito brilho
E nos caminhos que trilho,
Levo-te pra onde quero;
Sobre ti levo vantagem,
À frente de tua linhagem
Sou eu que mando e impero.

A linha, pobre coitada,
Suporta tudo calada,
Aguarda só o momento
De revidar à altura
Quando acabada a costura,
Numa virada a contento.

E diz: -Chegou o instante,
Pois vou mostrar, doravante,
Meu valor e utilidade,
Enquanto tu, descartada,
Vais pra gaveta, jogada,
Curtir a tua vaidade.

Nas boates e salões
Eu alcanço os galardões
Nas vestes finas, dançando;
Do luxo eu faço parte,
Enquanto tu, no descarte,
Sozinha ficas "chocando".

DIA DOS PAIS

Pai, a origem da vida,
Figura amável, querida,
Amor supremo, constância;
Seus gestos, sempre bondade,
Fazem lembrar, com saudade,
Nossos momentos de infância.

Sempre na luta constante
Pelos filhos, todo instante,
Amor e dedicação;
Tudo se faz com arrojo,
Trazendo em si, em seu “bojo”
Carinho e extrema atenção.

Seus pensamentos fulgentes,
Voltados sempre a seus entes,
Seus filhos, prole encantada;
Nada no mundo, mais belo,
Mais sublime ou mais singelo
Que sua família sagrada.

Assim, neste lindo dia,
Mostramos toda a alegria
De gratidão e lealdade;
Pois que, merecendo tanto,
Proclamamos todo o encanto
Da sua paternidade.

DIA DO SACERDOTE

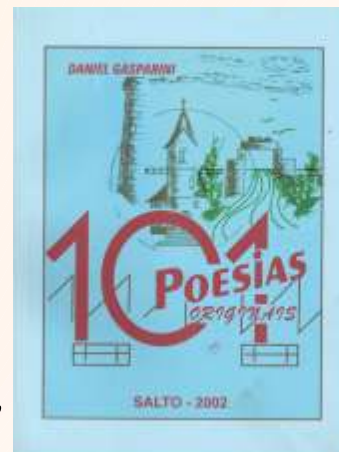
4 DE AGOSTO

O sacerdote é o servo de Cristo
E observando atentamente tudo isto,
Percebe-se o grande valor que ele tem;
Figura louvável entre o povo de Deus,
Intermediário certo a quem, para os seus,
Ensina o caminho do amor e do bem.

Glória e louvor ao poder de perdão,
Valores notáveis que, na ordenação,
Recebe com bênçãos, suprema valia;
Na luta vibrante, no ardor, na ternura,
Suas mãos de pureza, de graça e candura
Operam milagres na Eucaristia.

Não mede os esforços na faina constante,
Trabalho supremo, ardoroso e incessante,
Feliz ele fica ao ser compreendido;
Por nada esmorece pensando na vida
Das comunidades, da gente querida
Que nem sempre ouve o conselho estendido.

Mas, diante dos seus, imensa bondade
Repleta de méritos e de dignidade
Com todo esplendor e com dons tão sagrados;
Sua dedicação ao serviço da Igreja
Resume o carinho que isso lhe enseja
O amor para Cristo e seus filhos amados.



Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Malandro é o sapo que
casa e leva a mulher
pra morar no brejo.**



PALAVRA DE SEMINARISTA (60 ANOS DEPOIS)



Paulo Francisco Toschi (*)

CAPÍTULO 2

O PRÉDIO, OS ARREDORES E O SABOÓ

Sáimos de São Paulo em trem da Estrada de Ferro Sorocabana que partiu da Estação Júlio Prestes, levando pouco mais de uma hora para chegar a São Roque, onde, de ônibus, fomos para o Seminário, no bairro do Ibaté. Ficava a cinco quilômetros do centro urbano, em um sítio grande, de quase nenhum vizinho. A estradinha era um caminho de terra, cheio de curvas, subidas e descidas e de leito mal cuidado, que seguia até Araçariguama, indo depois até Pirapora. De pouco movimento, era servida por uma linha de ônibus cujos carros faziam não muitas viagens diárias. De vez em quando, passava um automóvel ou um caminhão. Por ela, bois eram conduzidos andando até um matadouro e caipiras transitavam a pé, fora alguns no lombo de burros ou em bicicletas ou carroças. Dava para contar os veículos que utilizavam tal passagem, pela poeira que levantavam. O prédio fora edificado na subida de um morro, não sendo facilmente visível da estrada. A propriedade tinha bons alqueires, doados por almas piedosas à arquidiocese de São Paulo. Hoje, pertence à diocese de Osasco. Subindo mais o morro, era possível ver, lá do alto, a cidade de São Roque. O Seminário passou a abrigar, em 1949, perto de cento e vinte alunos e meia dúzia de padres. Freiras prestavam serviços de apoio na cozinha, na lavanderia, bem como supervisionavam os poucos empregados encarregados de serviços gerais. Tinham capela própria e sua casa ficava isolada, em canto pouco visível pelos alunos, com os quais não tinham contato, a não ser quando, em fila, em silêncio, no final de semana, íamos levar os sacos de roupas para lavar e receber a que fora diligentemente cuidada pelas prestimosas religiosas da Congregação de Jesus Crucificado. Atendia-nos a Madre Superiora, com ligeiro cumprimento.

<><><><><><><><><>

Eu, menino de 11 anos, que nunca me afastara de minha família, ainda emocionado pela despedida dos meus pais, irmãs, avó e outros parentes, na estação da Sorocabana, em São Paulo, sem saber exatamente quando iria vê-los novamente, bem como impactado pela viagem de trem na companhia de padres e meninos que eu não conhecia, me deparei no Seminário, um ambiente inteiramente novo, austero, solene e confesso que estava carente de uma recepção bastante acolhedora. O Reitor estava à nossa espera, no topo da escadaria que dava acesso à entrada principal, para nos cumprimentar. Depois de guardarmos nossas coisas, os novatos fomos postos em fila, no pátio interno, nas proximidades de um sino que pendia da parede de tijolos expostos. Comandava o grupamento de alunos o Padre Ministro, que não se identificou como tal. Limitou-se a nos dar

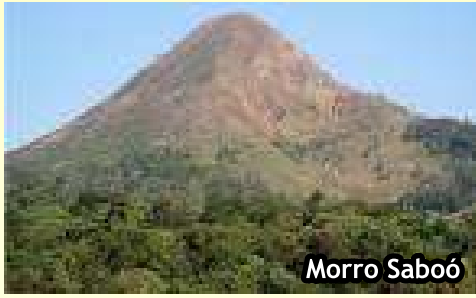
ordens. Eu nunca soubera o que fosse um Padre Ministro, mas não demorou muito para entender que se tratava de alguém preocupado em nos deixar evidente sua autoridade suprema, sob cuja supervisão iríamos passar a respirar e viver. Tínhamos sido segregados dos alunos mais antigos, vindos do Seminário de Pirapora, e permanecemos em fila, enquanto recebíamos instruções. Demorei algum tempo para absorver essa rigidez. Faltou cordialidade, faltou uma preleção, talvez uma visita guiada ao prédio, mostrando suas dependências. Sempre fui muito tímido e, diante de uma situação constrangedora, me encolho, me protejo, não faço perguntas, prefiro observar e ouvir. Custei para relaxar e, só então, comecei a prestar atenção no prédio do Seminário e no que estava ao seu redor. O edifício ainda inacabado, com seus tijolinhos à vista e venezianas verdes, parecia feito daquelas peças de madeira que as crianças costumam ganhar para montar. Simpático. Tinha duas alas: uma, constituindo a frente do imóvel, estava



Alunos na Sorocabana

incompleta. Olhando de frente, o seu lado direito (esquerda de quem se postasse voltado para o prédio) estava pronto e se unia à ala lateral. Já o lado esquerdo do prédio (direita de quem o estivesse olhando) estava incompleto e, portanto, faltava a outra ala lateral. Mesmo assim, garboso, o prédio estava ali, disposto a nos acolher, para nele vivermos por alguns anos. Na ala lateral, havia, no andar térreo, um salão cheio de carteiras, que seria o nosso local de estudos, e, adiante, um amplo refeitório, seguido da sala de

refeições dos padres. Esses refeitórios davam para uma cozinha, onde nunca entrei. Só recentemente, nas visitas bianuais que os veteranos do Ibaté passaram a fazer, tive a oportunidade de conhecer suas instalações. Durante nossas refeições, a comida seria entregue aos alunos, pelas freiras, através de uma prateleira cilíndrica e giratória, do tipo hoje ainda usado em alguns motéis, onde há duas cavidades opostas, uma na parte de cima do cilindro e outra na parte de baixo. Os pratos que vêm da cozinha são colocados na cavidade superior, enquanto o material a ser devolvido à cozinha é colocado na parte de baixo. O cilindro gira, permitindo a entrega dos pratos sem que a pessoa que está na cozinha possa ser vista por quem está no refeitório. Assim, não havia perigo de os seminaristas verem as freiras e cozinheiras. Era uma forma de evitar que os castos alunos fossem tentados a pecar contra o sexto mandamento. Exagero. Aliás, onde a Bíblia diz “não cometerás adultério” algum Concílio da Igreja resolveu substituir por “não pecar contra a castidade”, o que, evidentemente, é bem mais amplo. Eu iria aprender que esse exagero faz parte do espírito dos padres e bispos que dirigem e comandam o povo de Deus. Do recreio onde estávamos em fila, víamos, no andar superior dessa ala, as janelas do grande



Morro Saboó

dormitório onde mandaram que guardássemos nossas coisas. Lá dentro, fomos escolher o nosso leito, dentre as quatro fileiras de c a m a s , separadas estas umas das outras por uma pequena

cômoda. No corredor de acesso ao dormitório via-se um salão com vários mictórios e várias cabines de sanitários e, na sequência, outro salão, com muitas pias, dispostas em quatro fileiras, que constituíam o lavatório. No andar de baixo, sob essas instalações, havia outros dois salões, um com sanitários, outro com cabines de banho. No bloco que fazia a frente do imóvel e que, em seu fundo, abria janelas para o pátio interno, ficavam, em cima e em baixo, quartos dos padres, alguns usados como reitoria, sala de estar, etc. Seriam salas de aulas o próprio salão de estudos e dependências dos porões, com janelas e portas dando para a frente e lateral do prédio. A capela provisória ficava no andar superior, ao fim do corredor que levava aos quartos dos padres, num espaço que, mais tarde, viria a ser um segundo dormitório, para os alunos mais velhos. Confesso que essa capela simples me inspirava mais religiosidade que a capela nova, depois construída na parte superior do bloco que, em 1949, ainda não saíra do papel. Além da capela definitiva, esse novo bloco teria um salão de estudos, salas de aulas e, na parte inferior, um teatro. Ao longo de sua existência como casa de formação de futuros sacerdotes, o Seminário recebeu e acolheu perto de mil e quatrocentos alunos. Hoje, decorridos sessenta e cinco anos, o prédio está meio abandonado, com seu imenso dormitório vazio. Usam-no atualmente para outros fins religiosos, de interesse da diocese de Osasco. Quando liberados da formação em fila, ficamos à vontade no pátio e eu principiei a admirar o entorno. Da outra beira do recreio, era possível contemplar a paisagem exuberante onde, longe, se destacava o Saboó, a romântica lembrança de todo ex-aluno do Seminário do Imaculado Coração de Maria. Eu passaria horas, durante alguns anos, contemplando aquele gigante que seria sentinela de nossas preocupações e despreocupações de adolescentes, o guardião, hoje, de nossa saúde. Não chega a ser montanha, mas é pouco o título de morro. Mais exato seria tratá-lo como nosso bedel. Melhor, um amigo protetor. A todos iria cativar. Nossa paixão está contida em páginas saudosas de inspirados poetas e escritores cuja vocação literária desabrochou ou cresceu no Ibaté, sendo exemplo os versos de Paulo Oliveira Leite Gonçalves, aluno dos primeiros anos de nosso Seminário (1949 a 1954), um dos mais ilustres integrantes de nossa comunidade. Diz ele - “Saboó, assim o vejo carregado de lembranças e saudades:

Saboó tens perfil de um monge, tocha
Que a natureza quis deixar, parece,
Lavrada bem no veio de uma rocha
E ser p'ra sempre a imagem de uma prece.

<><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><>

O edifício ainda pela metade nos dava a vantagem de um amplo horizonte a ser visualizado do recreio, com olhos de encantamento. De dia, viam-se camadas sucessivas de serras verdejantes. Eu iria gostar de ficar ali, identificando árvores

distantes cuja silhueta contracenava com o brilho do sol. À noite, eu iria descobrir o farol da locomotiva da Ituana, distante, percorrendo morros, parecendo o trenzinho Lionel de um meu amigo lá do bairro, brinquedo que encantara a minha infância. Mas, a expressão máxima desse cenário mágico era o Saboó, lá no poente. Ele iria nos transmitir desejo de aventura. Ao longo dos vinte e cinco anos de existência de nossa Casa, escalar o Saboó sempre propiciou um sabor especial aos alunos das várias turmas que se sucederam. Eu nunca tive esse privilégio, pois fui considerado pelo Padre Ministro ainda pequeno para a empreitada. O Saboó, para mim, sempre foi de acesso impossível, apesar de minha gulosa contemplação. Depois que deixei o Seminário e este encerrou suas atividades, voltei, muitas vezes, à estradinha que liga São Roque à Rodovia Castelo Branco, só para ver, de longe, o meu bedel. Como eu disse, sou tímido e, nessas constantes idas ao território de meus sonhos, nunca tive coragem de subir até o Seminário, bastando-me contemplar da estrada o que podia ser visto. Depois que alguns colegas tiveram a feliz idéia de fundar a Turma do Ibaté e a gentileza de me convidar para fazer parte, além dos Encontros bianuais no casarão que selou nossa amizade, aconteceram algumas excursões até o cimo do majestoso guardião de nossas saudades, mas, infelizmente, o fôlego atual me impede de acompanhá-los.

<><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><><>

Como preço a pagar por tanta beleza, tínhamos aos nossos pés, além do recreio, um barranco pelo qual a bola de futebol despencaria muitas vezes, interrompendo o jogo e obrigando o aluno que dera o chute a ir resgatá-la, em meio ao arvoredor nativo, crescendo em chão de muito mato não capinado. Com o tempo, foi colocada uma tela de proteção, impossível de ser superada pelas bolas de capotão.

O recreio comportava um campo de futebol e quadras de voleibol. Em vez de gramado, pedregulhos miúdos cobriam o solo, alguns com pedacinhos brilhantes de ouro, reminiscências da exploração de uma mina que existiu na vizinha Araçariguama, que se esgotara há muitos anos. No fundo do pátio um barranco se erguia, onde, futuramente, alunos iriam cavar uma gruta. Sobre o mesmo, umas casinhas de construção precária, onde moravam alguns funcionários. Não existem mais. Passava pelo terreno atrás dessas casinhas um linhão de empresa de eletricidade. Mais à frente, a boa distância, na continuação do morro, à esquerda de quem olhasse do pátio, acima do caminho percorrido pelas torres e seus pesados fios, uma grande pedra negra despontava em meio à vegetação, e dela vertia água. Não mais visível, atualmente - secou.

Descendo essa encosta, no sopé, ao nível do caminho que ligava São Roque a Araçariguama, a propriedade do Seminário incluía plantações de peras que nos seriam fartamente servidas, dia após dia. Do outro lado da estrada, um funcionário do Seminário tinha, em seu quintal, um pé de caquis deliciosos.



Mons. Constantino

(*) Paulo Francisco Toschi, 77 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”. paulo.toschi@uol.com.br

Circunlóquios



Luiz Loureiro*

Nesta manhã poluída subo a ladeira mas a descida da bolsa de valores é inevitável conquanto ainda seja outono e o máximo que eu possa fazer é devorar um hambúrguer apesar de nem todos estarem prestando atenção às minhas idiossincrasias e sem qualquer vínculo com a política local os vermes continuam a comer os respectivos cadáveres até sob ameaça de chuva e apenas dez por cento da lição de casa tendo sido feita claro que sempre haverá oportunidades a todos exceto se o leite for derramado e as esperanças últimas a morrer de fato morram enquanto a coalhada estraga fora da geladeira e os cães defecam no quintal sem qualquer constrangimento já que a natureza os privou da privada e da vergonha em nada afetando minha ignorância ou a mídia em geral e muito menos atingindo meu orgulho pois as aves migratórias continuam o seu curso inexorável e os burocratas jamais abrirão mão das propinas sejam elas brasileiras ou alpinas bem ao gosto daqueles que confundem dinheiro com felicidade e tratam de levar uma vida provisória sem ao menos terem conhecido o local onde Judas perdeu as botas o que me deixa perplexo haja vista a vista da maravilhosa pirâmide de Quéops cujos descendentes trataram de transformá-la em atração turística por força da sua fantástica altura e faturam alto até hoje quando deixo de lado os sentimentos terríveis que me assombram à noite e boto a cabeça no travesseiro não sem antes soltar os peidos de praxe com a janela aberta para o vizinho ouvir e minha mulher já acostumada a puxar o lençol na cara embora a contribuição ao efeito estufa seja mínima o fluxo das marés continuará sua rotina de subir e descer o que me lembra de novo a bolsa de valores especialmente quanto à queda dos meus cabelos e de outras partes geográficas do meu cadáver e do meu caráter sendo certo eu ainda estar vivo mesmo sem provas cabais disso exceto por minha mão continuar a escrever este monte de bobagens o que também nada prova se até os mortos o fazem pelas mãos dos médiuns e os lírios do campo brotando no cemitério da minha

mente entupida de dívidas com meu ego e portanto cujo principal credor sou eu próprio e não as quito para ter sempre do que reclamar na vida bem como minha netinha que de tudo ri sem saber o que a espera e espero tudo corra bem para ela na hora de correr atrás neste país em breve livre dos pobres pois todos ascenderão à classe média obrigando-nos a importar escravos da Ucrânia e arredores no intuito de atender à falta de criadagem e seus reflexos imediatos nas relações sociais entre os jacarés e as piranhas do Pantanal com possível interferência na temperatura dos fornos de pizza em que tudo acaba por estas bandas enquanto nos ufanamos de Pindorama invocando falecidos coronéis ainda vivos para psicografar a nova constituição nacional por meio dos palhaços de plantão apesar de alguns terem dificuldade de escrever graças a acidentes sem graça ocorridos em suas atividades circenses pregressas ou atuais e isso não os atrapalha ao nos fazer de palhaços quando enfiam em nossos bolsos suas mãos bobas que nada têm de bobas sem imaginar o perigo potencial de um bolso furado onde talvez alcancem algo inesperado embora gostem mesmo é de alcançar as notinhas verdes que abundam no meio político e aí o termo abundam me remete ao hemisfério sul onde o Trópico de Capricórnio passa em São Paulo e cruza a Rodovia Ayrton Senna conforme estampado na placa cuja informação é enganosa pois sempre ali transito e jamais consigo ver o tal trópico muito menos conheço qualquer motorista que o tenha visto ou nele haja enroscado o seu veículo talvez porque a linha esteja situada a uma altura suficiente para evitar embaraços de pipas ou a degola de motoqueiros não obstante mentiras como essa já fazerem parte da postura das autoridades constituídas desconstituídas de vergonha na cara e até se a vaca tossir jamais veremos a caixa preta do governo ser aberta e nem quero vê-la com medo do cheiro do excremento em cujo detrimento prefiro o olor dos lírios que continuam a se reproduzir em grande quantidade sobre meu túmulo a despeito de eu ainda estar vivo ao que parece...

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 65 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando.
loureiroefabiana@gmail.com



© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Das paisagens do Ibaté às paragens de Deus



Joaquim Benedicto de Oliveira*

NOTA DA REDAÇÃO A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Quando estava para acontecer o Encontro dos ex alunos do Seminário do Imaculado Coração de Maria, em agosto de 2013, em São Roque, surgiu por parte dos colegas Paulo Toschi, Lettério Santoro e José Moreira de Souza a idéia de discutirmos, durante a confraternização, a oportunidade de perpetuar, em registros escritos, fotografados ou gravados as lembranças dos momentos vividos no casarão do Ibaté, à sombra do Saboó, por colegas que lá tinham estado há 64 anos (os que começaram em 1949) ou, no mínimo, há 40 anos (os que haviam saído em 1973). Alguns colegas se reuniram e se sentiram motivados pelo interesse de saborear e compartilhar lembranças que nos são caras, porém, mais que isto, pela preocupação responsável de contribuir para a divulgação de uma relevante experiência de vida que, hoje, pode ser considerada impossível de ser repetida. O mundo atual é outro e a Igreja é outra. Mesmo em nosso tempo, tivemos, como seminaristas, uma adolescência bem diferente da experimentada pelos outros jovens da nossa idade. A matéria não se limita aos seminários menores e muito menos ao de São Roque. O autor do trabalho que estamos apresentando entendeu bem isto e soube nos transmitir também o que viveu em outras casas de formação sacerdotal. Somente quem passou por um seminário, no século passado, é capaz de entender plenamente o que era viver em uma instituição da espécie, e pode transmitir uma experiência digna de ser apreciada, entendida e até estudada por especialistas de variados ramos do saber. Diz o catecismo que há sacramentos que imprimem caráter. O da Ordem pode-se afirmar que o fazia, indelevelmente, mesmo aos que nunca chegaram a ser ungidos, pelo simples fato de terem experimentado, por algum tempo relevante, o tratamento então propiciado nos seminários tridentinos. Como dizia o ilustre ministro e ex-seminarista Roberto Campos, quem passou por uma casa de formação sacerdotal é fácil de ser identificado pelo simples gesto de cruzar os braços ou ficar de mãos postas. Leia o magnífico trabalho do nosso colega Joaquim Benedicto de Oliveira, que o Echus do Ibaté hoje começa a publicar, em capítulos, e entenderão, de pronto, com muito deleite e grande emoção, o que estamos afirmando. Que este robusto e encantador depoimento de nosso colega sirva de motivação para que outros venham colaborar, relatando igualmente sua experiência. O Echus do Ibaté está tendo o privilégio de reunir os trabalhos já existentes e assim o fará com os que vierem a ser apresentados, de modo a termos uma coletânea cujo ordenamento e publicação representarão a contribuição de nosso grupo ao estudo do que foi a vida em seminários antes de 1970. Joaquim Benedicto de Oliveira esteve em São Roque de 1950 a 1956. Fala-nos, porém, também de Aparecida e do Ipiranga, naquilo que considera um “vai e vem de captação memorialista”. Entende os diversos seminários como “pedaços do mesmo quebra-cabeça”. Seu livro não é apenas de memórias: pesquisou dados e traz informações importantes, além de revelar o professor competente e talentoso que honrou a PUC de São Paulo com o seu saber e a sua arte. Merece nossos encômios e nosso agradecimento. Aos nossos leitores temos a certeza de estar propiciando saborosos momentos de boa leitura que, como diz o autor, vão DAS PAISAGENS DO IBATÉ ÀS PARAGENS DE DEUS. Nesta edição transcrevemos o PRÓLOGO de seu livro e nas edições posteriores estaremos transcrevendo os seus diversos capítulos.

Prólogo

Crônicas? Contos? Ou simples cantos? Pensar nessa mistura é, antes de tudo, achar que se é incapaz de esperar a singularidade como matéria única de um livro. Preferi apresentar uma miscelânea a me dedicar a um só gênero, esperando que meu leitor entenda o caminho que desejei para algumas memórias e nem tanto. Em todo o caso, aqui está o resultado de minha busca pela liberdade de expressão literária e criativa da minha confissão de ter vivido.

Qual a diferença entre o fato vivido e sua lembrança? O espaço de vida percorrido de um momento para o outro opera na memória alguma modificação. Por exemplo, quando se deu, o acontecimento foi visto como dramático e, posteriormente, é lembrado como cômico.

Ou vivido como trágico e, depois, recordado como romântico. E quando se trata de reviver fatos da adolescência, então, o retrospecto pode ser atrapalhado pela maturidade que chega, às vezes, a abominar o acontecido e sua interpretação ganha outro sentido. Há que acionar o filtro da vivência para dar suporte plausível à nostalgia.

A Crônica é registro de um tempo num espaço determinado. Está apoiada em fatos acontecidos no cotidiano, mas trabalhados pela fantasia como força criadora. É arte literária e, por isso, grandes mestres e

artistas a praticaram com profundidade ou leveza, ultrapassando os limites da pouca vida da notícia diária, à procura do que nela pode de fato permanecer. E assim pode ela servir de reflexão sobre o que resta de humano na sua lembrança.

Pequenos contos às vezes se aproximam muito da crônica dependendo do destaque que o autor der ou ao lirismo ou ao narrativo. E, quando o artista consegue equilíbrio entre esses dois componentes, o texto ganha força expressiva e beleza poética.

E o canto? Pode ser sinônimo de poema e é nesse sentido que aqui é empregado. Pequeno poema em prosa, e, insisto, poema pelo menos na intenção. Também pode ser o resultante da procura nos cantos da memória.

Meu público alvo é, evidentemente, a turma do Ibaté, já que este texto nasceu da vontade de colaborar com a ideia do Lettério, do Moreira e do Toschi, de recuperar a história do seminário de São Roque. Aqui está meu mínimo saber acompanhado de meu máximo sabor nas lembranças. Esta seria, então, minha contribuição.

Resta uma palavra sobre o tom confessional deste texto. Ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira do plural, se apresenta sempre como tentativa de recuperação da memória, evidentemente a partir de mim mesmo. Daí o tom de confissão nesse mergulho mais profundo na própria alma que recorda. Ponto de vista individual, mas na esperança de ter ultrapassado o mero

individualismo.

Por isso, quero destacar que não emprego nenhuma censura, e não demonstro nenhum arrependimento: quero apenas testemunhar a lembrança de uma vivência feliz e providencial, sem reclamações. Se alguma marca ficou de tudo o que por lá passei é a da feliz camaradagem. O positivo superou de longe o negativo. Estou entre os que mais viveram em São Roque. Foram sete anos integrais, íntegros e integralmente vitalizantes. É verdade que muitos tiveram reais e profundos problemas capazes de fazê-los preferir o esquecimento daqueles tempos.

Perfeitamente compreensível, claro. Não é, porém, o meu caso. Talvez goste daquele tempo por ter sido absolutamente infantil como, parece-me, conviria para quem lá viveu dos doze aos dezoito anos. Outros mais maduros puderam, com razão, questionar os pontos problemáticos e, por isso, experimentaram sofrimentos de que não padeci. Na verdade, depois viria a confirmar, apenas adiei-os para o Ipiranga, especialmente na Teologia, dos vinte e quatro aos vinte e oito anos.

Em alguns momentos, escapo de São Roque e viajo até o Central ou Aparecida, a fim de movimentar a recordação, num vai e vem de captação memorialista. É que, às vezes, me parece que uma história é continuidade de outras, já acontecidas. Alguma coisa me diz que são pedaços do mesmo quebra-cabeça. Procurei juntá-los. E, se não combinam, ao menos dão uma cor mais variada ao texto.

A fragmentação do texto é conforme os pescados da memória. Vão caindo na rede lançada ao mar do meu passado, no meio de peixes, de cascas de crustáceos ou de algas vermelhas ou azuis. O fragmento, como medida da expressão, acompanha, pois, as pitadas da lembrança. A vida se repete ou sobrevive nesses nacos que restam. Assim, a pequenez que parece tornar o texto insignificante ou incompleto, vai se fazendo livro de notas que compacta informações que pedem a colaboração do leitor para se tornarem harmonia do espírito participante.

Além disso, presto aqui minha homenagem aos cronistas do período de 1949 a 1956. Em seus textos, bebi muito de sua notável fonte memorialista.

1949, primeiro semestre: Darcy Corazza; segundo semestre: Anônimo; 1950, Tarcísio Francisco da Silva e Josué da Silva Leite; 1951, José Maria Perez e Valdemar Corrêa; 1952, Walmir Luiz da Silva e Nelson Esteves Sampaio; 1953, Paulo de Oliveira Leite Gonçalves e Antônio Carlos Barra; 1954, Marcos Pellizzari de Souza; um cronista anônimo e Hamilton Bianchi; 1955, Marcos Tarciso Masetto e Antônio Mariano Gomide Ribeiro; 1956, Joaquim Benedicto de Oliveira e Antônio Parolin.

São Paulo, nas antigas margens plácidas do Ipiranga e sob a imagem da cruz da capela do Central, infelizmente bloqueada de minha vista, neste ano, por um horroroso prédio.

Maio de 2014.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 76 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: Copa do Mundo

A Copa do Mundo é um meio de estreitar as relações que ela reforça o anseio desta união entre as Nações.

Alfredo Barbieri (49/53)

Paira no ar um astral Belo,
é festa, Brasil jocundo,
coração verde-amarelo,
e viva a Copa do Mundo!

A Copa do Mundo é nossa!
Ri, Brasil, agora pois,
que a fatura amarga, grossa,
pra chorares, vem depois!

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

**Envie-nos você também a sua trova.
Dois Temas para o próximo ECHUS:
MENTIRA e CIDADANIA.**



NOSSA HOMENAGEM A ROLANDO ZANI

ALGUNS TRECHOS DO LIVRO BELEZA, SAÚDE E BEM-ESTAR

Do colega ibateano Prof. Dr. Rolando Zani

(Editora Saraiva, São Paulo, 1995)

Melhor qualidade de vida

Saber cuidar do corpo faz parte do bem viver. Ter saúde é uma arte que se baseia numa vida inteligente, responsável e consciente. Saúde é uma recompensa ou uma conquista e não simples dádiva da natureza. Seu conceito atual não se limita à ausência de doença, mas envolve outros itens, como prevenção, melhoria de condições e, principalmente, o fato de sentir-se bem consigo mesmo.

Saúde é o bem mais importante que alguém pode almejar, mas não é um dom do acaso. Recebemos dos pais certas características genéticas que influenciam nossa saúde, mas uma parte dela depende de nosso estilo de vida. Um número cada vez mais crescente de pessoas vem se preocupando com a saúde, a aparência e a qualidade de vida. Além de parecer bem, desejam sentir-se realmente bem. Sem saúde não se consegue uma boa aparência, porque a pele se torna ressecada, os olhos perdem o brilho, os cabelos ficam frágeis. A beleza está sempre associada à saúde. Em matéria de saúde existem duas alternativas: prevenir ou remediar. A primeira opção é mais inteligente e eficiente.

Os meios de comunicação divulgam um tipo de beleza idealizada e irreal - faces maravilhosas, silhuetas esculturais - que pode afastar a pessoa do seu próprio corpo, de sua beleza individual. A aparência que ostentamos é parte importante do nosso patrimônio.

Todos podem ampliar seu capital de beleza, mesmo porque vivemos numa época em que ela se tornou versátil. Cada época teve seu padrão estético definido, do qual as pessoas não podiam se afastar sem correr o risco de ser consideradas feias. Hoje uma negra tem tanto êxito quanto uma loira; a mulher de porte pequeno seduz tanto quanto a mais desenvolvida; a face delicada e graciosa encanta da mesma maneira que a mais angulosa. A principal condição é que a aparência externa reflita, acima

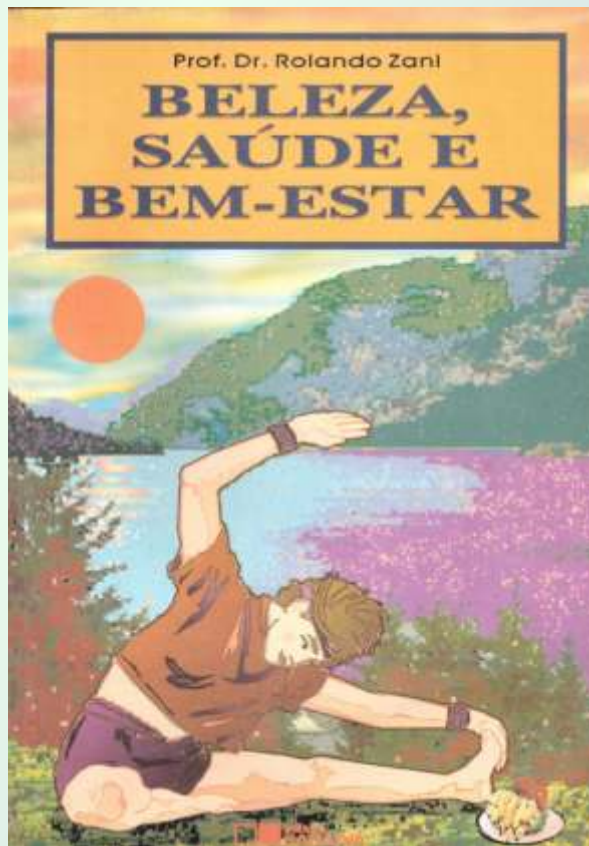
de tudo, uma saúde bem cuidada, realçada pelo brilho da energia interior que emana de quem está feliz com a vida. Sentir-se bem com o próprio corpo não é um privilégio reservado para pessoas jovens e com silhueta perfeita. Todos podem sentir-se satisfeitos com sua conformação corporal, independente da idade. Nunca é cedo - ou tarde demais - para começar. A beleza que buscamos não está presa aos ideais de perfeição, mas é consciente e inteligente, reconhecendo seus limites.

Em cada pessoa sempre existe alguma nuance de beleza que pode ser explorada com perspicácia e bom senso. Uma vez que não há apenas um tipo de beleza, mas inúmeras variações de padrões estéticos, acabaram-se as normas rígidas que definiam matematicamente quem era bonito ou feio. Todos podem agradar, desde que transmitam encanto e tenham um corpo saudável em equilíbrio com o espírito tranquilo. A boa aparência não pode ser atribuída apenas aos dotes físicos ou ao brilho da juventude; é também reflexo de uma vida interior bem desenvolvida, que confere brilho ao semblante.

Todos querem melhorar a aparência e têm o direito, até o dever, de satisfazer esse desejo dentro dos limites do bom senso. Esqueça o corpo sedutor da modelo ou a face perfeita da atriz, pois esses exemplos de estética padronizada estão fora da realidade. Cada ser humano é uma

composição formada por metade do patrimônio genético do pai e metade da mãe. Há, pelo menos, um milhão de genes em cada pessoa, o que permite uma quantidade incalculável de variações físicas. Por isso cada um apresenta um padrão físico tão específico que é impossível pretender ser igual à outra. Cada pessoa pode criar seu padrão estético, aproveitando as características que recebeu dos pais, desde que aprenda a expandir seu potencial de beleza.

Lembre-se de que o corpo é o espelho da alma. Existem pessoas cujos traços faciais e contornos corporais se ajustam aos padrões estéticos e, por isso, nos causam admiração. Mas, quando essa aparência padronizada não vem associada a uma mente igualmente bela, a sensação de admiração desmorona em alguns minutos. Há casos, ao contrário, daqueles cujo encanto nos faz esquecer as



imperfeições do corpo. Quem possui carisma agrada sempre. A verdadeira beleza é um passaporte que dá livre acesso à melhor qualidade de vida e facilita a realização de sonhos e ambições. Todos se sentem atraídos pelas pessoas que transmitem uma sensação de bem-estar e felicidade. Bem-estar é nos sentirmos em paz, contentes e realizados. É a sensação de ter uma vida plena e útil, usufruindo, com equilíbrio, de tudo o que ela pode oferecer. A busca da saúde e da boa aparência é um caminho seguro para o bem-estar, por isso cada um precisa aprender a se cuidar para melhorar a qualidade de vida e aprimorar o equilíbrio entre o físico e o emocional.

Quando o corpo e a mente estão em harmonia, surge uma força que transcende nossa compreensão e faz surgir a autêntica beleza e, até, o rejuvenescimento. Envelhecer é inevitável, mas os atuais recursos da medicina e da cosmetologia permitem retardar esse processo, adiando os sinais de decadência física. Para isso é fundamental cuidar-se preventivamente, o que permite chegar aos cinquenta anos com a saúde e a aparência dos trinta. Pouco adianta buscar melhor qualidade de vida nos valores externos - dinheiro, trabalho, sucesso - sem tomar consciência das necessidades essenciais.

O homem moderno precisa se conscientizar do valor da vida que acontece dentro de si e parar de se agredir com alimentação inadequada e outros hábitos que prejudicam seu desenvolvimento. O pior inimigo da saúde somos nós mesmos. Hoje todos se preocupam com a qualidade de vida, mas poucos seguem as condutas indicadas para melhorar seu dia a dia. Embora seja impossível evitar a passagem dos anos, podemos adotar certas condutas que nos permitem permanecer por mais tempo em boa forma. As recompensas desse esforço se manifestarão como melhor aparência, aumento da autoestima e mais prazer em viver. Para a medicina de hoje, a idade deixou de ser um número frio e categórico, pois seu conceito se tornou relativo e maleável. O número de anos que a pessoa já viveu não deve ser considerado seu inimigo. Até há pouco tempo o processo de envelhecimento não podia ser alterado; hoje esse fatalismo não corresponde à realidade.

Somos o que comemos

As células do nosso corpo se renovam constantemente. Todos os dias os tecidos e os órgãos se reestruturam graças aos alimentos que ingerimos. As carnes, verduras, frutas e tudo mais que consumimos vão reconstruir nossa pele, cabelo, ossos etc.

A chave da saúde e da beleza é a alimentação

balanceada. Nenhuma maquiagem ou cosmético pode proporcionar à pele a autêntica beleza e a aparência saudável que lhe pode dar a alimentação correta. A nutrição racional tornou-se uma tarefa de especialistas em bom senso.

A alimentação é a fonte da saúde física e mental, da aparência bonita e do equilíbrio emocional. Todavia o cardápio do homem moderno está cada vez mais sofisticado, atraente e também mais controverso. As pessoas, na ânsia de se cuidar, estão seguindo dietas que prometem milagres, mas só oferecem riscos à saúde. Assim são ingeridos, sem nenhuma orientação, complementos alimentares à base de proteínas, vitaminas ou sais minerais, cujos efeitos reais os próprios cientistas ainda estão pesquisando. Apesar de verificarmos, em todo o mundo, um aumento de produção de frutas, verduras e legumes - todos ricos em vitaminas naturais -, as pessoas gostam de tomar remédios.

Alimentar-se é prazer e necessidade. A dieta racional é aquela que permite o peso constante e o organismo em perfeito funcionamento. O aumento de peso é, quase sempre, responsabilidade da própria pessoa. O alimento deve nos proporcionar satisfação e não angústia ou sofrimento. Aprender a se alimentar é uma tarefa constante, com muitas idas e vindas. É um trabalho de reeducação progressiva.

O tripé da manutenção da boa forma física é constituído por alimentação equilibrada, exercícios físicos regulares e equilíbrio emocional. Uma dieta só funciona quando a pessoa está alegre, calma e com entusiasmo para cuidar de si mesma.

A arte de comer é um verdadeiro ato de amor à vida. Saber escolher os alimentos e ingeri-los na quantidade suficiente e adequada são atitudes de quem tem respeito por si mesmo. Comer deve ser um ato de prazer que envolve todos os sentidos, não apenas o paladar. O olfato, a visão e mesmo o tato (através dos lábios e da língua) devem participar. Para aprender a se alimentar, cada pessoa precisa despertar em si a arte de saborear, até mesmo de preparar as refeições, elaborando os pratos que mais lhe agradam.



Rolando Zanfi



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

NA CASA DO PAI

• Faleceu em fevereiro de 2010 nosso colega JOSÉ MANOEL DE OLIVEIRA SOBRINHO (58/59).

• Faleceu em 06.06.2014 aos 82 anos de idade DANIEL GASPARI. Nasceu em Porto Feliz e mudou-se para Salto nos primeiros meses de vida. Ele estudou no Seminário de Pirapora de 1946 a 1948, onde tomou extraordinário gosto pelo estudo da Língua-Pátria, vindo posteriormente a concluir o Curso de Letras na Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu. Escrevia poesias desde a infância, tendo militado durante 15 anos no jornal O TRABALHADOR, semanário da cidade de Salto, elaborando crônicas, poesias e fazendo reportagens. Foi agraciado com o título de CIDADÃO SALTENSE em 24 de outubro de 1997. Foi Membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde ocupava a Cadeira 08, cujo patrono é Gonçalves Dias. Era assíduo colaborador do nosso ECHUS DO IBATÉ com seus artigos e poesias. Aos familiares nossas condolências. Nas páginas 3 e 4 inserimos, como homenagem, alguns de seus textos.

• Faleceu em 14.06.2014, aos 69 anos de idade, nosso colega ROLANDO ZANI (59/63). Estudou em São Roque de 1959 a

1963. Médico, cirurgião plástico e professor, formou-se em Filosofia e Ciências Humanas pelo Seminário Arquidiocesano de São Paulo e em Medicina pela Escola Paulista de Medicina, onde foi professor adjunto, mestre e doutor, com especialização em Anatomia Cirúrgica. Foi membro especialista e titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e publicou inúmeros livros, dentre os quais destacamos: BONITO É SER VOCÊ!, BELEZA E AUTO-ESTIMA, CIRURGIA ESTÉTICA, NÃO TENHA VERGONHA DE SER BONITA, PLÁSTICA-QUANDO? POR QUE?, BELEZA E REJUVENESCIMENTO, BELEZA, SAÚDE E BEM-ESTAR. Nas páginas 10 e 11 inserimos, como homenagem, alguns textos de seus livros.

• Faleceu em 02.07.2014, aos 57 anos de idade, nosso colega ORLANDO JOSÉ DE MORAES (71/73). Morava em São Roque-SP e padecia de uma enfermidade no pâncreas. Fez uma cirurgia recentemente, mas não obteve êxito na recuperação.



ORLANDO JOSÉ DE MORAES

Photantiqua



Foto cedida dos arquivos de MONS.RENATO ARTAMENDI (58/59), falecido em 29.10.2003 e retrata grupo de seminaristas da turma de 1959. Sempre da esquerda para a direita aparecem:

Atrás: ANTONIO MANUEL DOS SANTOS SILVA, MANOEL DE LIMA JUNIOR, JOSÉ JORGE PERALTA, JOSÉ MÁRIO LEONI, FRANCO MASIERO, RENATO ARTAMENDI (+), JOSÉ LUIS CROCCO, NAZARETH DOS REIS, ROBERTO DELGADO DE CARVALHO, HERMES PIMENTA MACHADO, LETTERIO SANTORO,, NÍLIO ANTONINHO VIEIRA (+), LUIZ MONTEIRO, JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, JOSÉ ANTONIO BENEDICTO PONTES e DÉCIO PEREIRA (+).

Frente: SIGMAR MALVEZZI, TIAGO ALEXANDRINO ETELVINO (+), MANOEL FERNANDES BARJA (+), JOSÉ COELHO DE MELLO FILHO, ANTONIO GALVÃO ROSA, EMIL VON PINHO, RICARDO MARTINS PAIVA, JORGE HERCULES SOUZA e ESTANISLAU MARIA DE FREITAS.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De José Moreira de Souza (55/59) - Prezado Mosca, haja tristeza ao saber da morte de Euclides Albino. Onde é que estava que não tomei conhecimento disso?

A edição do Echus está excelente. Foi uma boa decisão divulgá-lo pela internet. Melhorou muito a diagramação. Atendendo ao que prometi, vou escrever uma série de artigos sobre os autores de São Roque a que tive acesso. O primeiro deles se chama "Grazie Tante"! Uai, mineiro já fala italiano? Nele revelo meu "anjo ad hoc" que traduzia para o paulistês como o mineirês seria interpretado segundo os códigos do saber viver paulista e paulistano. Um abraço. Belo Horizonte-MG 23.05.2014
josemoreira@superig.com.br

De Sérgio Armellini (62/64) - Caro, Mosca Boa Tarde!!!! Recebi o Echus do Ibaté nr. 132, no meu trabalho, permeado de problemas de clientes por falta de peças de automóveis, etc... Ao começar a ler o Echus, foi como uma Brisa leve e maravilhosa que me transportou para 1.962 ou seja há 52 dois anos atrás. Textos fantásticos como o do Paulo Toschi, o qual deixou meus olhos marejados recordando-me do seminário, dos colegas, do Reitor Monsenhor Constantino, do trem etc... E, sobretudo, do aprendizado cujos valores mais nobres trago do Seminário do Ibaté e dos meus pais. (PARABÉNS TOSCHI). Outro texto que também me emocionou muito foi o do Peralta que descreveu com muita simplicidade o verdadeiro sentido da Páscoa, porem com muita sabedoria e espírito cristão. Enfim ler o Echus é semear algo de muito bom e gostoso dentro da gente. Parabéns a todos que contribuíram com o nr. 132. E quanto a você caro Mosca, parafraseando o Pe. Tomaz Gomide, vocês exerce um Sacerdócio maravilhoso (fora das estruturas) mantendo a chama do Seminário do Ibaté sempre acesa. Parabéns a todos. Belo Horizonte-MG 23.05.2014

sergio.armellini@forlanford.com.br

De Luiz Norberto Loureiro (62/63) - Caro Wilson, obrigado pelo envio do link e pela publicação da crônica. Espero que você tenha gostado (se não gostasse não teria publicado, né?). A ilustração ficou muito legal. Abraço. São José dos Campos - SP 23.05.2014
loureiroefabiana@gmail.com

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Caríssimo amigo Wilson Mosca, mais uma vez, meus cumprimentos pela elaboração, com tanto carinho e capricho, do nosso prezadíssimo Echus do Ibaté. Nele consto como participante da equipe da redação, fato que se resume a uma leitura atenta dos excelentes trabalhos de nossos colegas, para correção de algumas vírgulas que hajam escapado ao cuidadoso engenho e arte de nossos tão competentes literatos. Continuo, como sempre, à sua inteira disposição, embora, nos últimos números, não tenha mais sido acionado pelo seu irrecusável e sempre bem vindo comando. Use e abuse, sempre que desejar, pois isto só me dá satisfação e muito orgulho. Agradeço

imensamente a oportunidade que tenho tido de republicar, em nosso Echus do Ibaté, os capítulos do meu trabalho denominado Palavra de Seminarista, cujo texto venho atualizando. Peço a especial gentileza de, nas próximas publicações, corrigir a nota de rodapé, pois, infelizmente, não tenho mais 75 anos, já estou partindo para os 77, e meu e-mail, sempre à disposição dos colegas para eventuais comentários e bem acolhidas críticas, é paulo.toschi@uol.com.br e, não, o que vem sendo citado pela empresa encarregada da montagem do nosso periódico. Meu abraço carinhoso e, mais uma vez, parabéns pelo 132, que está ótimo. São Paulo-SP 24.05.2014 paulo.toschi@uol.com.br

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - É sempre um momento de alegria quando recebo o ECHUS DO IBATÉ, acabando de sair do forno. Além dos excelentes artigos, fomos presenteados, neste último número, com toda sua impressão colorida, o que enriqueceu ainda mais o nosso Jornal. Agradecemos o seu empenho e dinamismo para que tudo isso aconteça. Um fraterno abraço. Salvador-BA 24.05.2014 jramalho47@gmail.com

Francisco Cleverton Ribeiro Marques (59/61) - Olá! Fiz o "download" pelo "link" 1, em PDF, que, ao imprimir, deu erro na pág.2, não imprimindo o texto do "Paracheque de Caminhão". Aproveito para solicitar uma versão para ser impressa sem o fundo colorido, pois imprimo em preto e branco, mas, mesmo assim gasta muita tinta. Obrigado pela atenção que dispensar a esta minha solicitação. Parabéns pela opção de leitura pelo "flipsnack". Grande abraço. Osasco-SP 25.05.2014 franclever@ig.com.br

De Cônego Laerte Vieira da Cunha (49/52) - A tristeza pela morte de uma pessoa querida se transforma em serena esperança do reencontro junto de Deus. Daniel Gasparini e eu começamos juntos em Pirapora e o Rolando foi meu aluno em São Roque. Que Deus lhes dê a recompensa eterna que fizeram por merecer. Vou tê-los presente na minha próxima missa. São Paulo-SP 23.06.2014
conlaerte@hotmail.com

De Pe.Cido (59/64) - Caríssimo Wilson. Vou fazer um memento especial para os dois ibateanos falecidos: O Daniel e o Rolando Zani. O Rolando foi companheiro nos tempos de seminário. Fizemos teatro juntos. Bons tempos aqueles. Tornou-se médico cirurgião. Pude revê-lo em alguns de nossos encontros. Que os dois amigos descansem em paz. São Paulo-SP 23.06.2014 padrecido@uol.com.br

De Cônego Sérgio Conrado (58/63) - Grato pela nota de falecimento, pois assim poderemos rezar por nossos colegas de São Roque. O Daniel é bem anterior a mim. Mas, o Rolando era da minha classe. Grande companheiro. Deus lhes dê o descanso eterno e o conforto às suas famílias. Rezarei missas por eles. São Paulo-SP 23.06.2014
conradosergio@terra.com.br

De Luiz João Corrar (59/60) - Fico muito triste com a perda dos amigos Daniel e Rolando. O Rolando Zani foi da mesma turma que eu no período 1959 e 1960. E nós já estávamos na mesma turma em Aparecida nos anos de 1957 e 1958. São Paulo-SP 24.06.2014 ljcorrar@usp.br

De José dos Santos (61/62) - Obrigado caro Wilson por suas informações.

Lamento a perda de nossos queridos colegas. Convivi dois anos ao lado do colega Rolando. Tenho forte em minha memória sua imagem e me lembro muito bem de sua postura simpática e atenciosa. Foi bom estar ao lado dele naqueles tempos. Transmita aos familiares meus sentimentos. São Paulo-SP 24.06.2014 josandelsp@terra.com.br

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Amigo, causou-me pesar a notícia do passamento dos colegas ibateanos. Rolando Zani frequentou o Seminário na época em que eu lá estudei. Deus conceda o descanso eterno a esses nossos colegas e que a luz perpétua os ilumine. Amém! Salvador-BA 25.06.2014 jramalho47@gmail.com

De João Jorge Peralta (1956) - Obrigado, Wilson. Os meus companheiros do inesquecível Seminário do Ibaté têm uma presença indelével no meu coração, especialmente a turma do sexto ano de 1956, a que me integrei de corpo e alma. Claro, depois teve ainda 3 anos de Filosofia, 2 no Ipiranga e 1 no Casarão de Nossa Senhora em Aparecida, e mais 1,5 anos na Teologia. Tenho muitas saudades de participarmos juntos de atividades e de vida. Um telefonema do Fierro, ontem, cumprimentando-me pelo meu aniversário, deixou-me particularmente feliz. São Paulo-SP 03.07.2014 joaojperalta@gmail.com

De Victor Audeli (71/72) - Lembro-me do Orlando José de Moraes muito bem, moleque tranquilo, adorava doce...vai com Deus Amigão. Sua simplicidade era apenas uma alegria e hoje me espelho muito em vc e no Ildefonso os dois caras que eu adorava...Nós em 1972 tínhamos onze ou doze Anos. Junto com Paulo, João, Spinelli, Latinha, Passarinho, Ildefonso tínhamos história. Vai com Deus e espero um dia Te encontrar meu Grande Amigo....Já estou Saudoso... São Paulo-SP 03.07.2014 victoraudi@yahoo.com.br

CASO EDIFICANTE



José Lui*

Jeitinho caipira que resolve

Um fiscal do Ibama recebe uma denuncia e vai verificar. Dirige-se para a casa de um caipira. Chegando ao local, sem se identificar, vai logo tentando um diálogo:

- Bom dia
- Bom dia, responde o caipira levantando o chapéu de palha.
- Como vai a luta?
- Pra dizê a verdade, tá muito difíci.
- Tem caçado muito?
- Tenho sim. Na semana passada matei 30 juritis.
- Trinta!
- Meu filho, traz as cabeças das juritis pro ome vê.
- E paca, tem caçado muito?
- Só treiz nesta sumana. Filho traz as cabeça das pacas.
- E outros animais silvestres, tem caçado bastante?
- Muitos deles. Filho traz as cabeças dos otros bichos.

O fiscal refletiu, refletiu e perguntou:

- Não tem passado por aqui nenhum fiscal do Ibama?
- Sim, na semana passada. Filho traz a cabeça do fiscal pro ome vê.
- Até outro dia e obrigado pela sua atenção.

(*) José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

COPA 2014

Paulo Oliveira Leite Gonçalves

Depois da glória passada
Só Neymar e mais nenhum
Quis nos dizer a que veio
Mas foi posto de escanteio
Sem salvar a pátria amada:
Três a zero e sete a um.

Reparem bem na Alemanha
Mandou uma bala dum dum
Não entrou na nossa manha
E tascou um o sete a um.

A Holanda, que regaço
Nada quis de lero-lero
Laranjas contra bagaço
Nos cobriu com três a zero.

Mas o Brasil não se enrola
Transforma em ouro até prata
Tira um gênio da cartola:
Pedigree de vira-lata.



Em homenagem ao Dia do Folclore (22.08)

Amata se cerra sombria, terrível...
Bravias luxúrias borbulham fecundas
na seiva dos trópicos.
De troncos, raízes e frondes gigantes,
que árvores monstros!, que ermos bravios!
Paus d'arco, angelins e cinzentos torens
enredam-se ali
a rígidos caules e copas frondosas
de grãs sapucaias.
De altíssimos leques, vicejam pujantes
palmeiras-juçara, indaiás, buritis...
Por tudo, sem conta, cipós..., parasitas...,
espinhos...O inferno!

.....
À tarde, em seus pousos nas altas ramagens,
tucanos descansam.
Nos charcos gargalham em grito estridente
socós ermitões.

.....
Na agreste beleza do calmo poente
no mato se avultam estalos que, ao longe,
os ecos repetem.
De pé às avessas,
batendo nos troncos de suas sapopemas
está o CURUPIRA a ver se suportam,
se firmes bastante pra o vento escorarem.

.....
Se nuvens espessas, nas noites de lua,
ao astro escondendo lhe roubam o clarão,
o bugre no mato, berrando pra os céus,
os galhos das plantas se põe a quebrar,
até que desperte a lua do desmaio
e assim não despenque por sobre o sertão.

.....
Nas sombras da noite está o BOITATÁ,
feioso cavalo, acéfalo, negro,
a roda de fogo chispando na testa.
O mau ANHANGÁ
-um homem peludo-
vai nele montado,
no mato tocando a escura manada
de seus caititus.

.....
Com silvos agudos, num só pé pulando,
fumaça soltando no pito de barro,
o pêlo dos bichos veloz o SACI
vai sempre entrançar.

.....
Com olhos de brasa, desgraças levando
àquele que o vê, o maldoso CAIPORA
cavalga ruidoso seu porco do mato
e IARA -a mãe d'água- com cantos falazes
arrasta os incautos ao fundo dos rios.

.....
Que pena que as matas aos poucos se acabem
e os entes, que nelas habitam, se vão!...
Que pena o caboclo, sem versos, sem cantos,
curtindo tristezas sem sons da viola,
sem mais ter vizinhos no agreste sertão!

Dedicada ao nosso amigo Antonio Carlos Corrêa.

PRETO E BRANCO

Noites negras, de passos indecisos,
sem luar, que a lua se apagou;
sem fogueira, que o fogo acabou;
sem estrelas, que o céu se escondeu;
sem poesia, que o estro sumiu...

Tudo trevas!
Nuvens negras,
manto negro,
versos negros,
ver só negro,
escuridão...

E, nessa noite preta,
Deus vê a formiga preta
que caminha sobre o mármore preto...

.....
Dias brancos, de olhos ardentes,
dias eternos, onde o sol não se põe;
dias polares de ursos miméticos;
dias de inverno de horizontes imensos;
dias de frio, agasalho e tremores;
dias claros, infindos, monótonos,
onde cores não há...
Versos gélidos,
versos brancos,
ver só branco,
imensidão...

E, nessa brancura sem fim,
Deus vê o fio de cabelo branco
que, no silêncio do gelo branco,
caiu..., congelou...

(*) Antonio Jurandyr Amadi, 78 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim. jura.amadi@ig.com.br

WALTER BARELLI HOMENAGEADO

No dia 26 de junho, no Auditório André Franco Montoro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, autoridades, lideranças comunitárias e entidades que desenvolvem atividades sociais prestaram uma homenagem ao ibateano Walter Barelli (1951-1956) pelo reconhecimento dos seus programas sociais à frente do Ministério do Trabalho e Emprego (Governo Itamar) e da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, (Governo Mário Covas). A iniciativa da homenagem partiu de um dos seus antigos assessores que testemunhou de perto a dimensão humana dos projetos do Barelli na gestão das necessidades do trabalhador brasileiro.

O evento ocorreu durante o Ato Solene para a elaboração de um abaixo-assinado, aprovando a “Carta Social Paulista” com propostas a serem encaminhadas ao governador Geraldo Alckmin, objetivando “o resgate e o fortalecimento de programas e projetos sociais” que o governo paulista já desenvolve em parceria com entidades do Terceiro Setor.

No seu discurso de agradecimento, Barelli lembrou os projetos por ele criados como secretário estadual no auge do desemprego nos idos de 1988. Citou, a título de exemplos, as Frentes de Trabalho, o Programa de Auto-Emprego, ao lado do Programa Banco do Povo, e o Programa Jovem Cidadão, entre outros.

O colega Barelli recebeu uma placa de prata das mãos do deputado João Caraméz com os seguintes dizeres:



DR. WALTER BARELLI

Que o seu trabalho incansável, sempre pautado pela ética, em prol de uma sociedade mais justa e humana, sirva de exemplo e seja legado para tantos outros que comungam os mesmos ideais e princípios de vida!

Receba os nossos agradecimentos sinceros.

Deputado João Caraméz.

ATO SOLENE VISANDO RESGATAR E FORTALECER POLÍTICAS PÚBLICAS NA ÁREA SOCIAL.

25 de junho de 2014.

Avanti Ibaté!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.07.2014	
POSIÇÃO EM 25.05.2014	11.962,47
ENTRADAS	
Contribuições e doações	330,00
Juros	108,90
TOTAL ENTRADAS	438,90
SAÍDAS	
Diagramação Echus 132	430,00
Despesas Bancárias	36,75
TOTAL SAÍDAS	466,75
SALDO ATUAL 31.07.2014	11.934,62
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 15.05.2014 a 31.07.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Francisco Fierro, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, Silvio Martins Filho e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandyr Amadi, Daniel Gasparini (in memoriam), Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Luiz Norberto Colazzi Loureiro, Paulo Francisco Toschi e Rolando Zani (in memoriam).

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S. Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echus@zipmail.com.br
- Blog do Ibaté: www.ivate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ivate.sp@gmail.com
- “Palavra de Seminarista” (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens:
links http://177.103.223.197/Edhusdoibate/

Diagramação:

Conexão Propaganda (11) 4063-9081



conexão
propaganda